Aula 2

O EVOLUCIONISMO CULTURAL

META

Proporcionar ao aluno instrumentos teóricos que o auxiliem no trabalho de análise das sociedades antigas.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

descrever o método de análise do evolucionismo cultural para comparar sociedades de organização social distintas.

Alfredo Julien

INTRODUÇÃO

Cara aluna ou caro aluno: na aula anterior, vimos que o homem é um ser social que organiza a sua vida por meio da cultura que desenvolve. Essa é uma definição simples e clara, porém, sua simplicidade não deve encobrir os problemas teóricos que contém, principalmente no que se refere à definição do significado do conceito de cultura. Se a determinação do homem como um ser social não acarreta muito problema para a compreensão, a mesma coisa não ocorre com a idéia de cultura. O debate acadêmico em torno desse conceito é acirrado e não pretendemos solucionar a questão.

Aqui utilizamos a palavra cultura em seu sentido mais amplo possível. No dicionário Aurélio, encontra-se a seguinte definição para o seu conteúdo:

> O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. [Nas ciências humanas, opõe-se por vezes à idéia de natureza, ou de constituição biológica, e está associada a uma capacidade de simbolização considerada própria da vida coletiva e que é a base das interações sociais].

O homem se relaciona com a natureza e entre si por meio de um conjunto de valores e práticas de caráter cultural que não são inatas, mas sim aprendidas e desenvolvidas por cada grupo. A variedade de comportamentos culturais, existentes entre os diversos agrupamentos humanos, mostra-nos que o mundo cultural criado pelo homem não é uno, mas sim, rico e variado. Nessa aula, abordaremos um tema relacionado a essa questão: como interpretar as diferenças culturais presentes entre as diversas sociedades humanas?

A CULTURA

A comparação entre as diversas culturas criadas pelas sociedades humanas pode ser feita a partir de duas perspectivas básicas. Uma delas, pautada pela tolerância e respeito aos valores dos outros, não julgando suas crenças e costumes como inferiores, mas procurando compreendê-las em seus próprios contextos. A outra, na intolerância e no sentimento de superioridade em relação aos outros, na qual a diversidade humana, longe de ser considerada um fator benéfico, é vista como algo ruim ou inferior, motivando conflitos em vez de contatos positivos entre grupos que possuam crenças e comportamentos diferentes. Em nome da superioridade de seus próprios valores, combatem-se os valores dos outros. Essa forma de valorizar o próprio grupo em detrimento dos outros, considerando os seus próprios costumes como superiores, está na base, como nós já vimos, do que chamamos de etnocentrismo.

O etnocentrismo é a forma de pensar que nos leva a considerarmo-nos superiores aos outros. Por essa maneira de encarar a vida, os únicos valores e comportamentos válidos são aqueles que pertencem ao seu próprio grupo. A cultura desenvolvida em nossa sociedade seria superior à dos egípcios antigos? Os valores de um norte-americano cristão seriam melhores que os de um árabe muçulmano? Cristianismo, judaísmo e budismo, qual destas seria a melhor religião? A cultura do homem da cidade seria superior à do homem do campo?

O etnocentrismo pode assumir diversas formas, desde as mais explícitas, como as das teorias racistas, até as mais veladas como, por exemplo, a das diversas teorias de caráter evolucionistas. O evolucionismo cultural, embora tenha perdido muito espaço no debate acadêmico, é uma perspectiva que exerce influência considerável em diversas esferas da sociedade. Sua presença, ao lado da idéia de progresso, como esquema explicativo subjacente das transformações históricas, é bem difundida em nosso meio social e já faz parte da opinião corrente de muita gente, o chamado senso comum. É muito normal entre nós considerarmo-nos mais desenvolvidos do que outros povos.

Mãe japonesa e filho negro
(Fonte: http://www.rosinhamonkees.com).

O Evolucionismo Social era a teoria social prevalecente no início da Antropologia Sócio-Cultural. Representou uma tentativa de formalizar o pensamento social com linhas científicas modeladas conforme a teoria biológica da evolução. Se organismos podem se desenvolver com o passar do tempo de acordo com leis compreensíveis e deterministas, parece então razoável que sociedades também o podem. Isso marca o início da Antropologia como disciplina científica e uma despedida das tradicionais visões religiosas de culturas "primitivas" (fonte http://pt.wikipedia.org. > Acesso em : 21/11/2007)

O homem ocidental dos grandes centros urbanos das modernas economias capitalistas, cioso de suas realizações, tende a se considerar como o ponto mais avançado do progresso que caracterizaria a marcha humana em direção ao mundo civilizado. Para trás teriam ficado todos aqueles que não acompanharam o avanço inexorável, dado pela marcha do progresso. Quantos de nós não nutrimos um sentimento natural de superioridade em relação às nações indígenas, que ainda sobrevivem no interior do território brasileiro, não conseguindo vê-las como um povo cuja cultura possui tanto valor quanto a nossa?

O evolucionismo cultural parte do princípio de que as diferenças entre os diversos povos representariam estágios de desenvolvimento distintos. Tais culturas poderiam ser hierarquizadas em uma escala que identificaria a marcha do progresso da humanidade. No nível inferior dessa escala, estariam as formas culturais mais primitivas; no superior, a mais evoluída: a capitalista ocidental cristã.

Mas, ao se criar uma escala de formas culturais, variando do mais primitivo para o mais evoluído, faz-se necessário utilizar critérios com os quais possamos "medir" essas realidades e compará-las entre si. **Edward Burnett Tylor**, um dos fundadores do evolucionismo cultural, explicita-nos esse critério de forma bastante clara:

Ver glossário no final da Aula

> A invenção mecânica fornece exemplos adequados do tipo de desenvolvimento que afeta a civilização como um todo. Na história das armas de fogo, o tosco fecho de roda, no qual uma roda de aço denteada era girada por uma mola contra um pedaço de pirita até que uma fagulha ascendesse o pavio, levou à invenção do mais durável fecho de pederneira. O astrolábio medieval deu lugar ao quadrante, e este foi agora descartado, por sua vez, pelo homem do mar, que usa o mais delicado sextante; e assim acontece, em seqüência, ao longo da história das artes e dos instrumentos. Tais exemplos de progressão são conhecidos por nós como história direta, mas essa noção de desenvolvimento está tão inteiramente instalada em nossas mentes que, por meio dela, reconstruímos, sem escrúpulos, a história perdida, confiando no conhecimento geral dos princípios de pensamento e da ação humana como um guia para por os fatos em sua ordem apropriada. Quer as crônicas registrem ou não o fato, ninguém duvidaria, comparando um arco longo de uma besta, de que a segunda foi um desenvolvimento surgido a partir do instrumento mais simples (TYLOR, 2005, p. 86).

Tylor considera que há um princípio que norteia o pensamento e a ação humana. A partir de exemplos extraídos do desenvolvimento tecnológico, observa que os elementos que caracterizam a cultura evoluiriam de suas formas mais simples para as mais complexas. Dessa maneira teriam evoluído as armas de fogo, o equipamento de orientação marítima, o arco e flecha e

também, como ele apregoava, as formas culturais da humanidade: todos, a partir de uma forma mais simples, teriam evoluído para formas mais complexas. Assim as culturas humanas poderiam ser classificadas como sendo mais ou menos complexas, como as armas e as ferramentas fabricadas pelo homem. Nas próprias palavras de Tylor :

> Comparando os vários estágios de civilização entre as raças conhecidas da história, com ajuda da inferência arqueológica derivada dos restos de tribos pré-históricas, parece possível formar uma opinião, ainda que grosseira, sobre uma condição anterior geral do homem. Do nosso ponto de vista, essa condição deve ser tomada como a primitiva, mesmo que na realidade, algum estágio ainda mais remoto possa ter existido antes dela. Essa condição primitiva hipotética corresponde, em considerável medida, à das tribos selvagens modernas que, apesar da diferença e distância entre si, têm em comum certos elementos de civilização que parecem resíduos de um estágio anterior da raça humana em geral. Se essa hipótese for verdadeira, então, apesar da contínua interferência da degeneração, a tendência central da cultura, desde os tempos primevos até os modernos, foi avançar, a partir da selvageria, na direção da civilização (TYLOR, 2005).

Mulher e criança indigenas esculpindo cerâmica
(Fonte: http://www.losartes.com).

No trecho citado, Tylor nos aponta qual seria essa condição primitiva da humanidade. A forma mais simples que teria caracterizado as sociedades humanas seria comparável à das tribos de selvagens caçadores, não praticantes da agricultura, ainda existentes em seu tempo (século XIX). Assim, segundo ele, indo do mais simples para o mais complexo, a tendência geral da cultura seria evoluir do estágio primitivo de selvageria até a civilização.

Lewis Morgan, outro representante do evolucionismo cultural do século XIX, põe a questão da evolução das sociedades humanas caminhando de formas mais simples para mais complexas de maneira ainda mais clara.

Ver glossário no final da Aula

> As mais recentes investigações a respeito das condições primitivas da raça humana estão tendendo à conclusão de que a humanidade começou sua carreira na base da escala e seguiu um caminho ascendente, desde a selvageria até a civilização, através de lentas acumulações de conhecimento experimental. Como é inegável que partes da família humana tenham existido num estado de selvageria, outras partes num estado de barbárie e outras ainda num estado de civilização, parece também que essas três distintas condições estão conectadas umas às outras numa seqüência de progresso que é tanto natural como necessária. Além disso, é possível supor que essa seqüência tenha sido historicamente verdadeira para toda a família humana, até o status respectivo atingido por cada ramo. Essa suposição baseia-se no conhecimento das condições em que ocorre todo progresso [...] (MORGAN, 2005, p. 49).

O pensamento de Morgan exerce muita influência em nosso meio escolar por ter sido utilizado por Engels em seu livro Origem da família, da propriedade privada e do Estado. O livro é uma obra clássica do pensamento que merece ser lida, porém não devemos esquecer que foi escrita no final do século XIX e, de lá para cá, a antropologia produziu muitos novos conhecimentos que devem ser levados em conta ao se falar de um assunto tão amplo, como o que Engels tratou em sua obra.

Segundo Morgan, o processo evolutivo de todas as sociedades humanas teria partido de um ponto inicial, o seu estágio mais primitivo, que ele batizou de selvageria. O segundo estágio, nesse processo evolutivo, seria a barbárie. E o terceiro e último, a civilização. Veja a seguir quais seriam as características de cada um desses estágios.

PRIMEIRO ESTÁGIO: SELVAGERIA

Esse seria o período inicial da humanidade. Em seus princípios, o modo de vida dos homens não se distinguiria dos símios, porém, pelo processo evolutivo, o homem desenvolve novas capacidades. No início desse estágio os homens se alimentariam somente de frutas, castanhas e raízes, obtendo,

assim, seus alimentos por intermédio de uma atividade puramente coletora. Em seu período final, além da coleta pura e simples de alimentos que a natureza poderia oferecer, o homem aprendeu a caçar e a pescar, desenvolvendo uma alimentação também à base de peixes e carnes vermelhas. A atividade da caça desenvolveu-se paralelamente à aquisição de novos conhecimentos como a manipulação do fogo, a utilização do arco e flecha e a produção de utensílios de madeira, cestos e tecidos.

Cena do filme A Guerra do Fogo, de Jean-Jacques Annaud, em que é representada a aquisição do conhecimento de produzir fogo. (Fonte: http://sol.sapo.pt).

SEGUNDO ESTÁGIO: BARBÁRIE

Esse estágio inicia-se com a fabricação de utensílios de cerâmica. Nele, passa-se a adotar uma forma de vida sedentária associada à prática da agricultura e da domesticação de animais. Em seu final, adquire-se o conhecimento da manufatura do ferro.

TERCEIRO ESTÁGIO: CIVILIZAÇÃO

Esse estágio inicia-se com o aparecimento da escrita e perdura até os nossos dias.

Segundo Morgan, "a evolução do estado de selvageria para a civilização seria tanto natural quanto necessária, e essa seqüência seria verdadeira para todos os agrupamentos humanos até o grau de evolução atingido por cada um". Tal suposição estaria fundamentada no conhecimento das condições em que se daria todo o progresso do gênero humano.

Para a doutrina do evolucionismo social, todas as diferentes formas culturais criadas pelo homem teriam se originado de um processo evolutivo iniciado a partir de uma forma social primitiva: a selvageria. Todas as culturas teriam nessa forma original o seu ponto de partida. Assim, a humanidade

seria una e seu processo de transformação teria seguido por uma linha evolutiva uniforme onde quer que ela estivesse, pois as necessidades humanas, em condições similares, seriam substancialmente as mesmas.

ATIVIDADES

1. Qual é o critério utilizado por Tylor para definir quais seriam as sociedades mais simples e as mais complexas?
2. Segundo Morgan, quais seriam os principais estágios de evolução das sociedades humanas e quais os eventos tecnológicos que os caracterizam?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Morgan utiliza o critério do avanço tecnológico para definir o grau de evolução das sociedades humanas. Quanto mais aprimorada e diversificada for a tecnologia manipulada pelo agrupamento humano em questão, mais evoluído ele seria.
2. Segundo Morgan, os principais estágios de evolução cultural dos homens são a selvageria, a barbárie e a civilização. As principais características tecnológicas de cada um desses perídios são:
a) Selvageria: esse é o estágio caracterizado pela prática da coleta e caça. Nesse estágio o homem desenvolve a capacidade de produzir instrumentos de madeiras, tecidos e cestos; a utilizar o arco e a flecha e a manipular o fogo.
b) Barbárie: estágio em que se aprende a plantar, a criar animais e fabricar a cerâmica.
c) Civilização: estágio no qual ocorre a presença de aglomerados urbanos, a prática da escrita e manipulação de metais. Entre os povos civilizados haveria uma vasta gama de variabilidade. Nele poderíamos constar desde as primeiras sociedades ditas históricas até a moderna sociedade capitalista contemporânea.

Vista do Palácio de Palenque (Chiapas, México). A arquitetura de Palenque, uma das cidades mais conhecidas da civilização Maia, é considerada verdadeira façanha da Angenharia na Antiguidade. (Fonte: http://lh4.ggpht.com).

CONCLUSÃO

Um dos esforços do **evolucionismo cultural** foi tentar provar a continuidade entre as culturas primitivas e as mais avançadas, criticando os que acreditavam em uma ruptura, separando o selvagem pagão e o civilizado cristão. Questionavam a teoria da degenerescência dos primitivos, inspirada por teólogos que não queriam acreditar que Deus pudesse ter criado seres selvagens, como os das sociedades primitivas. Para o evolucionismo, o que diferenciaria os primitivos dos civilizados seria apenas o estágio evolutivo em que cada um se encontraria, e não diferenças em suas naturezas.

Ver glossário no final da Aula

O evolucionismo cultural acredita na unidade da condição humana. Sendo iguais, todos os povos produziriam cultura igualmente, pelo aprendizado. Todos conteriam os germes da evolução, não existindo diferenças biológicas que justificassem as diferenças entre os diversos povos.

Porém, toda e qualquer classificação exige a adoção de esquemas de referências em torno dos quais ela será organizada! Seria o critério da tecnologia adequado para essa hierarquização? Se assim fosse, as sociedades que possuíssem equipamentos mais complexos seriam as mais desenvolvidas! Nós, que utilizamos armas de fogo, seríamos mais evoluídos do que os que apenas possuíram, ou possuem, arco e flechas. O fato de possuirmos máquinas em nossas indústrias nos transforma em mais avançados do que os agrupamentos humanos que detém apenas técnicas manuais para a produção de seus utensílios? Nossa forma de vida seria melhor do que a de uma tribo indígena, no século XIX? Tudo depende do critério de julgamento.

(Fonte: http://www.hub.atlasusa.org).

RESUMO

Nesta aula abordamos a perspectiva de análise do evolucionismo cultural. Vimos que tal corrente de pensamento considera que o homem possui características inatas que estão na base de um processo evolutivo que seria comum a todas as sociedades. Tal processo se caracterizaria por um caminho único de evolução que levaria as sociedades humanas para formas cada vez mais complexas de organização. Assim, por exemplo, segundo Morgan, as sociedades humanas trilhariam um caminho evolutivo que se iniciava com o estágio da selvageria, passaria pela barbárie e atingiria as formas de vida civilizada. O principal mecanismo utilizado por eles para estabelecer essa gradação era o avanço tecnológico. Quanto mais elaborados eram suas técnicas e instrumentos, mais evoluído seria o agrupamento humano. No topo dessa escala, estaria a cultura ocidental capitalista cristã, da Europa do século XIX. Na base, as tribos primitivas que viviam da caça e da coleta.

AUTO-AVALIAÇÃO

1. Tylor e Morgan foram dois antropólogos que estudavam as sociedades humanas a partir da perspectiva do evolucionismo cultural. O que compreendi a ser essa doutrina?
2. compreendo a ideia dos evolucionistas culturais, de que o processo evolutivo, que marcaria a humanidade, seria natural e necessário para todas as sociedades?

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, abordaremos a ideia de progresso e sua influência no âmbito dos estudos sobre a Pré-história.

REFERÊNCIAS

TYLOR, E. B. A ciência da cultura. In: CASTRO, Celso (org.) **Evolucionismo cultural**. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MORGAN, L. A sociedade antiga. In: CASTRO, Celso (org.) **Evolucionismo cultural**. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GLOSSÁRIO

Edward Burnett Tylor - Antropólogo britânico. Considerado o pai do conceito moderno de cultura, filia-se à escola evolucionista. Em seus trabalhos Cultura primitiva e Antropologia, ele definiu o contexto do estudo científico de antropologia, baseado nas teorias evolucionárias de Chales Darwin.

Lewis Henry Morgan - Antropólogo, etnólogo e escritor norte americano (1818-1881). Considerado um dos fundadores da antropologia moderna, fez pesquisa de campo entre os iroqueses de onde retirou material para sua reflexão sobre cultura e sociedade. Entre seus estudos destaca-se o do parentesco, no qual tenta estabelecer conexões de sistemas de pa- rentesco em escala global (Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family, 1871); e o estudo sobre a evolução das sociedades humanas consagrado em Ancient Society (1877), no qual distingue três estados de evolução da humanidade: selvageria, barbárie e civilização.

Evolucionismo Cultural - O evolucionismo cultural não relaciona a existência de estágios evolutivos a uma datação precisa e única para todas as sociedades. Assim, por exemplo, enquanto os portugueses se encontravam em um avançado estágio de civilização, quando chegaram ao Brasil, os índios que aqui habitavam poderiam ser classificados como estando nas fases finais da selvageria e iniciais da barbárie.